

Treinar ou só formalizar?

Transmitir conceitos de prevenção ultrapassa a obrigação: é uma missão social empresarial

► **Cosmo Palasio de Moraes Jr.**

É comum ouvirmos, entre os profissionais de SST, que uma de nossas missões é “educar para a prevenção”. Obviamente, qualquer especialista em educação logo dirá que o que fazemos é “treinar”, já que “educar” é muito mais amplo, englobando a formação de competências do indivíduo e o desenvolvimento de suas faculdades intelectuais, físicas e morais. Já o “treinar” é apenas uma das ferramentas da educação.

A vida nos ensina que parte da evolução ocorre quando há o encontro da realidade com a necessidade. Quantas coisas boas, úteis e práticas nasceram, e nascem todos os dias, na atividade preventivista desta forma e por esta razão. Em nossa sociedade, não existe “ensino para a prevenção”, e não me refiro apenas à prevenção no trabalho. Isso, aliás, é uma pena porque, se fossem ensinados conceitos preventivistas, todos nós viveríamos muito melhor. No caso da prevenção de acidentes e doenças do trabalho, essa ausência acaba sendo suprida pela ação dos profissionais da área, e é inestimável a quantidade de vidas que são poupadas com a aplicação de treinamentos.

O problema é que os tempos, hoje, são outros. As pessoas e as organizações mudaram, e a burocracia a ser cumprida pelo Sesmt muitas vezes faz com que o “formalizar” seja mais importante do que o “treinar”. Também é interessante observar que, antes, os profissionais tinham mais paciência com aqueles que não tinham tanta formação ou informação; hoje, parece que a disciplina pode resolver tudo, como se não houvesse uma missão social empresarial e profissional.

AJUSTES IMPORTANTES

O que não mudou é a necessidade do treinamento como ferramenta para a



Cosmo Palasio de Moraes Jr. - Técnico de Segurança do Trabalho e Coordenador do e-group SESMT
cpsol@uol.com.br
www.cpsol.com.br



prevenção – e o convite, com este texto, é para que façamos uma breve reflexão sobre como tratamos este assunto. De início, precisamos perguntar:

- Os treinamentos para a prevenção são apenas uma formalidade onde você trabalha?
- Os trabalhadores gostam de ir aos treinamentos?
- Como eles são realizados com recursos da organização, há uma espécie de avaliação ou acompanhamento pós-treinamentos?
- Os treinamentos são planejados para serem interessantes?

Uns acham que os treinamentos de segurança, pelo simples fato de estarem ancorados em aspectos legais, não precisam ser de qualidade – são obrigatórios e, como tal, devem ser “engolidos”. Eles se esquecem, na verdade, da mudança de visão que um bom treinamento pode ajudar a construir. Outros pensam que os treinamentos são todos iguais, baixam na internet um modelo qualquer e está tudo resolvido. Quando o trabalhador dorme durante a sua apresentação, ficam chateados ou simplesmente repetem que ele não tem interesse, como se alguém fosse obrigado a ter interesse no que não é interessante. Parecem ignorar que, entre o conhecimento e as pessoas, há outras pessoas que devem agir para que as coisas mudem.

Outro erro terrível diz respeito ao ex-

cesso de conteúdo. Treinamento bom é aquele que fornece ao aluno a quantidade de informações e conhecimentos suficientes para a realização da atividade, e isso deve ser levado muito a sério especialmente nos treinamentos relativos às NRs 33 e 35. Treinamento que agrega valor é aquele feito para a realidade do local de trabalho, ensinando a usar e trabalhar o que se tem, e não o que deveria ser o ideal.

COMPONENTE ESSENCIAL

Por fim, as ações para “educar para a prevenção” devem seguir após o treinamento como, por exemplo, em forma de uma campanha de segurança sobre o tema abordado, um programa intensificado e específico de inspeções e acompanhamentos para fixar as práticas corretas, e até mesmo diálogos de segurança específicos e reuniões rápidas com as pessoas envolvidas. É importante, também, sinalizar as áreas sobre as práticas. Essas e outras ações, conforme a realidade e possibilidade, certamente farão com que os treinamentos sejam mais proveitosos e o resultado final não seja apenas dinheiro e tempo jogados fora.

Resumindo, eu diria que a ação humana segue sendo essencial na prática eficaz da prevenção de acidentes. Modelos ajudam, mas não pensam nem sentem.